



REVISTA DE HISTÓRIA

TEMA: SOCIEDADE E CULTURA INDÍGENA

INDÍGENAS DE ÓBIDOS

Comunidades Indígenas de Tiriyós em Óbidos

Povos Esquecidos pela sociedade obidense



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROF. MAURÍCIO HAMOY

DIRETOR: DANIEL MENEZES BENTES

VICE-DIRETORA: MARIA GRACILDA DE A. SILVA BERNARDO

PROFESSOR: MARCIO RUBENS DA SILVA GOMES

COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA GERAL

TURMA: 201 Manhã / 2025



INDÍGENAS DE ÓBIDOS

Comunidades Indígenas de Tiriyós em Óbidos

Povos Esquecidos pela sociedade obidense

Editorial

Comunidades Indígenas de Tiriyós em Óbidos

Os povos indígenas são guardiões da floresta. Sua relação com o meio ambiente é sagrada, pautada no respeito, na harmonia e na sabedoria ancestral que ensina a cuidar da terra como parte de si mesmos.

Nesta edição, destacamos o contato dos povos originários com a religião cristã e as transformações culturais que esse encontro proporcionou. Os Tiriyós, habitantes do Parque Nacional Indígena de Tumucumaque, ao longo dos rios Paru de Oeste e Cuxaré, têm uma história marcada pela resistência, espiritualidade e forte vínculo com a natureza.

Trazemos também uma entrevista com a professora Idaliana Marinho de Azevedo, que conviveu com os Tiriyós e compartilha um relato sensível sobre os desafios enfrentados por essas comunidades, especialmente quanto à saúde e às doenças que afetaram muitos indígenas da região.

Mais do que um material informativo, esta revista é um convite à reflexão sobre as comunidades indígenas de Óbidos e uma releitura necessária da nossa ancestralidade. É também uma homenagem aos povos que aqui viveram, ensinaram e inspiraram gerações — missionários, educadores e todos nós — a valorizar as nossas raízes culturais.

Lúcia Virgínia Santos Sardinha. Professora Especialista em Práticas Integrativas e Complementares de Saúde, graduada em Ciências Biológicas. Indígena Borari da região de Alter do Chão, Santarém, Pará.

Comunidades Indígenas de Tiriyós em Óbidos Povos Esquecidos pela Sociedade Obidense

Em um lugar isolado convive um povo cheio de tradições, culturas e crenças que remontam à história dos povos tradicionais da Amazônia. Mas, essas crenças e culturas tem sido esquecida ao longo do tempo pela sociedade obidense, que cada vez mais passa a abandonar a história e a importância que esses povos têm deixado para nós.

Uma parte essencial da nossa história tem sido deixada de lado, e o reflexo dessa atitude é a valorização de elementos de outras culturas como se fossem nossos.

Há um tempo podíamos ver muitos indígenas rodando pela cidade, onde ficavam na antiga Paróquia, hoje chamada Diocese de Óbidos. Era comum eles comercializarem produtos feitos a mão, como por exemplo: pulseiras, colares, cocares, cintas, a maioria feitas de miçangas coloridas e sementes de morototó e tento, assim como arcos, flechas e diversos outros artefatos.



Imagem da Tribo dos Tiriyós.

Queremos através dessa revista relembrar a memória de todos esses povos que têm relação com Óbidos, e para isso entramos em contato com uma pessoa que realmente tem autoridade para falar sobre o assunto. Estamos

falando da **Prof. Idaliana Marinho de Azevedo** que trabalhou na Paróquia e fazia muitas visitas a esses povos desde 1965 até recentemente.



Imagem de Idaliana Marinho de Azevedo.

Os jovens **Abner Kalleb e Samuel Baruque** foram entrevistá-la em sua residência e fizeram algumas perguntas sobre as idas e vindas daquele lugar:

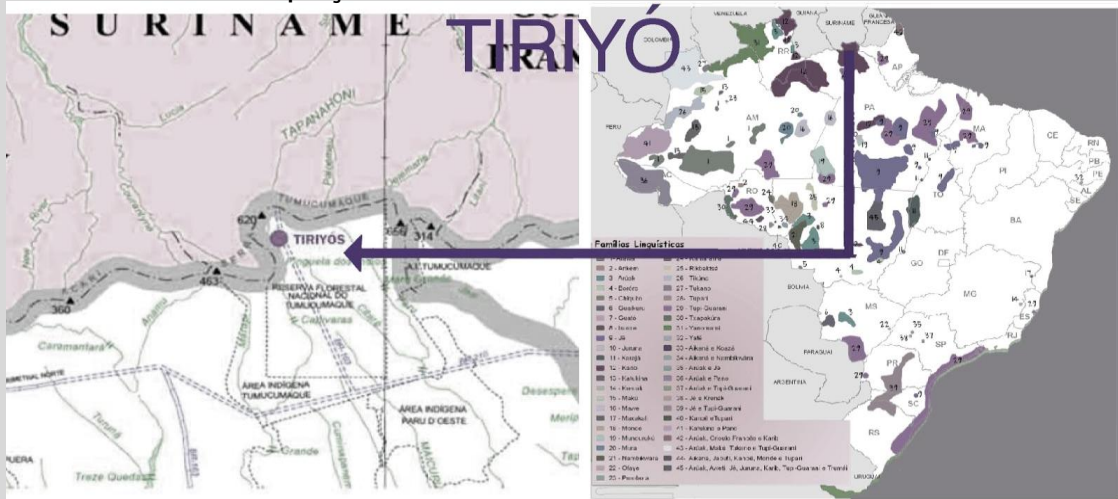


Imagem de Idaliana Marinho de Azevedo, Abner Kalleb e Samuel Baruque.

Como era esse lugar?

- Era um lugar onde, de vez em quando, chegavam missionários das igrejas, principalmente da Igreja Católica. Em dias de catequese, eles se reuniam em pequenos grupos e visitavam as tribos dos índios Tiriyós, buscando

conhecer mais sobre sua origem e história. Nessas visitas, além de transmitir ensinamentos religiosos, também havia trocas culturais, onde os missionários aprendiam sobre os costumes, a língua e as tradições do povo, criando assim um espaço de convivência entre diferentes culturas.



Fonte: Google

Como eles recepcionavam as pessoas?

- Eles sempre recepcionavam bem, tratavam com respeito. E todos aqueles que iam pra lá eram bem acolhidos. E se surpreendiam pela forma em que eles eram tratados.

Onde eles moravam?

- Eles moravam num parque nacional indígena de Tumutumaqui, é uma serra em que fica localizada na divisão entre Suriname e Óbidos.



Releitura da imagem do parque feita por IA.

O que eles passavam naquela região?

- Eles eram pessoas que não tinham muita estrutura para criar filhos, então muitas crianças morriam naquela região, e outros também não só crianças, mas também adultos e adolescentes. Eram assediados por outras tribos. Então por conta disso eles já não se importaram tanto em ter filhos, e até mesmo tentar ter uma vida digna.

Eles tinham rituais ou danças?

- Eles tinham muitas danças, que eram de sua tradição para os seus deuses e também como momento de comunhão e alegria um com os outros. Entretanto com o tempo eles foram perdendo esse costume.

Por que eles pararam de dançar?

- Por conta que quando eles iam caçar ou coletar materiais, passavam por outras tribos (wai-wai e etc.) que tinham crenças diferentes e criticavam esses costumes, eles diziam: “se vocês dançarem essas danças vocês irão para o inferno!” Então eles pararam por medo.

Em que os Missionários ajudaram?

- Eles foram principalmente para ajudar na saúde do povo, alimentação, educação e levar mantimentos.

Frei Dom Floriano que se importava muito com a vida humana e o modo de viver das pessoas levou alguns missionários para a tribo.



Imagem de Frei Dom Floriano Loewenau.

Um deles era **Padre Frei Protásio** que era um cientista e também franciscano, e ele então começou a estudar os Tiriyós, foi viajando desde aqui de Óbidos até o Suriname a pé, nessa ida muitas pessoas não tinham notícias dele então achavam que ele havia falecido. Quando chegou lá ele mandou através de um índio uma carta sinalizando que estava bem, então as pessoas se despreocuparam.

Já na terra dos Tiriyós ele foi bem recebido, e ficaram muito alegres com sua chegada. Ele ficou sabendo sobre a situação de muitas crianças que não sobreviviam, por conta da falta de remédios e tratamentos. Então estabeleceu que seria bom criar um posto de saúde ali na tribo.

Eles eram muito conservadores, tomavam um chá e acreditavam que aquilo podia ser a cura para as crianças. Mas quando eles perceberam que as crianças não estavam morrendo como antes, por conta dos tratamentos do missionário, quiseram aquele posto na sua terra. O **Padre Protásio** gostou tanto daquele povo que resolveu viver junto com eles, e passou 40 anos de sua vida ali com os Tiriyós, cuidando e tratando deles.



Imagem de Padre Frei Protásio, que morou 40 anos na tribo de Tiriyós.

- Os missionários também levaram búfalos, os Índios pegavam o leite e faziam queijo e manteiga, e traziam para vender na cidade e era uma forma de se manter.

O que eles comiam?

- A base da alimentação era peixe, mas também eles comiam tudo o que ofereciam.

E a FAB?

- Eles iam direto levar mantimentos e os missionários, os indígenas tinham um rádio onde eles pediam e os aviões levavam tudo aquilo que eles precisavam.

Como vocês se comunicavam no idioma deles?

- A gente não sabia o que eles falavam no começo, mas com o tempo aprendíamos um pouco do idioma, e assim levávamos a vida.

Teve alguma situação onde eles precisaram vir à Óbidos?

- Teve um tempo onde eles pediram ajuda a **Dom Floriano** para resolver uma situação de tuberculose que estava matando muita gente. **Dom Floriano** vendo que não tinham muitos missionários que quisessem ir, trouxe eles para a cidade e passaram 2 meses aqui, eram mais ou menos 74 indígenas. Depois disso, eles curaram e vendo que não havia mais doença **Dom Floriano** os levou de volta.

A senhora tinha amizade com algum indígena?

- Sim, inclusive uma se nomeou com o meu nome, depois que eu fui lá ela gostou tanto do nome e colocou nela. Eles são muito alegres, e muito receptivos.

Como eles estão agora?

Eles estão vivendo muito bem, inclusive no tempo da covid encontrei com um deles, o **Valentino** em Oriximiná e perguntei como eles estavam. Se encontravam tratando da covid e fazendo o trabalho de reposição das famílias em suas terras, eles se situavam com 13 aldeias no Rio Cachorro, onde eles estão vivendo até hoje.

É comum no dia dos indígenas, atualmente, nós lembrarmos das aldeias em Parintins ou Juruti, mas esquecemos que temos uma aqui em Óbidos, comunidades indígenas cheias de cultura e histórias incríveis. Porém, não temos a visibilidade que precisávamos, não temos pesquisas e nem materiais sobre esse assunto.

Por isso, se faz necessário esta Revista de História, para te informar que essas culturas, relacionadas à nossa e de origem muito antiga, possa ser revelada e conhecida por todos.

Escola de Ensino Médio Professor Maurício Hamoy

Pesquisa realizada pelos alunos da Turma: **201 Manhã**

Fim

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

DIAGRAMAÇÃO

Marcio Rubens da Silva Gomes

ENREDO

Abner Kalleb Amaral Santana Valente

Flavia dos Santos Barbosa

CORREÇÃO

Prof.^a Josebeth Lima Barbosa Galate

Curso de Letras com Licenciatura

Plena em Língua Portuguesa e

Especialista em Metodologia em

Língua Portuguesa e Literatura.

IMAGENS

Abner Kalleb Amaral Santana Valente

Flavia dos Santos Barbosa

Samuel Baruque Souza dos Santos

ALUNOS COLABORADORES

Flávia dos Santos Barbosa

Abner kalleb Amaral Santana Valente

Samuel Baruque Souza dos Santos

Clara Eduarda dos Santos Marques

Fábio José da Silva Vasconcelos filho

Felipe Lopes Nunes

Camila Moraes Rodrigues

Geovanna Ribeiro da Silva

Gabriely Coelho de Freitas

Lara Vieira de Freitas

Agatha Eloanne de Vasconcelos

Alexandre da Silva Menezes

Breno Sousa Frota

Gilda Seixas da Gama

Ana Paula de Sousa Nunes

Isaque Savino Ferreira

Cristiano da Cruz Ferreira

Cristian Pietro Viana da Silva

Lara de Souza Bentes